

A Orientação Vocacional na perspectiva neo-reichiana: Contribuições do *grounding*¹

Fernando Henrique Rezende Aguiar²

Maria Inês Gandolfo Conceição

Universidade de Brasília, Brasília-DF, Brasil

RESUMO

A escolha vocacional implica em um profundo contato do sujeito consigo mesmo e com a realidade que o cerca. As teorias neo-reichianas incluem o corpo no processo terapêutico e oferecem contribuições à orientação vocacional ao desenvolver a autonomia e aumentar a autopercepção dos indivíduos por meio do *grounding* e de outros tipos de exercícios. O objetivo deste estudo é descrever uma experiência de trabalhos corporais em um processo de orientação com um grupo de 10 adolescentes do último ano do ensino médio da rede pública. Observou-se que os participantes evoluíram de uma perspectiva mais imatura, fantasiosa e de pouca percepção corporal, para uma maior consciência de si mesmo, facilitando o processo de decisão, com maior clareza e confiança sobre a escolha vocacional.

Palavras-chaves: orientação vocacional; *grounding*; consciência; adolescentes.

ABSTRACT: Vocational Guidance according to neo-reichian perspective: The contributions of *grounding*

Vocational choice implies a deep sense of one's self and reality. The neo-reichians theories include the body in the therapeutic process and offer great contributions to vocational guidance as they develop self-awareness and autonomy by means of grounding and other type of exercises. This study describes the results of body-oriented vocational guidance interventions with a group of 10 adolescents from a public school doing their last High School term. The group was observed to have developed from immaturity, fantasy and a poor perception of their body to more self-awareness, thus contributing with the decision making process, clarifying their understanding about careers an enabling them to make their decisions more confidently.

Keywords: vocational guidance; *grounding*; adolescents; body-oriented

RESUMEN: La Orientación Vocacional en la perspectiva neoreichiana: Contribuciones del *grounding*

La elección vocacional implica un profundo contacto del sujeto consigo mismo y con la realidad que lo rodea. Las teorías neoreichianas incluyen el cuerpo en el proceso terapéutico y ofrecen contribuciones a la orientación vocacional al desarrollar la autonomía y aumentar la autopercepción de los individuos por medio del *grounding* y de otros tipos de ejercicios. El objetivo del estudio es describir una experiencia de trabajos corporales en un proceso de orientación con un grupo de 10 adolescentes del último año de la enseñanza media de la escuela pública. Se observó que los participantes evolucionaron de una perspectiva

¹ Agradecimentos ao apoio oferecido pelo Espaço Terapêutico Adolescer, ao Centro de Ensino Médio Setor Oeste e à psicóloga Daniela Santos pela maravilhosa parceria nesse trabalho.

² Endereço para correspondência: SHIS QI 25, conjunto 10, casa 02, 71660-300, Brasília-DF. Fone: (61) 33673955. E-mail: fhauiar@gmail.com

más inmadura, fantasiosa y de poca percepción corporal a una mayor conciencia de sí mismo, facilitando el proceso de decisión, con más claridad y confianza en la elección vocacional.

Palabras clave: orientación vocacional; *grounding*; conciencia; adolescentes.

Escolher é uma tarefa de vida. Não há um só momento em que decisões não sejam tomadas. Mesmo no caso de abstenção, esta se configura como uma escolha. Como expõe Brandão (2001), resgatar o sentido filosófico e existencial da problemática da escolha profissional – *qual profissão seguir* – levando-na a ser uma escolha vocacional – *para o que é que a vida (alma) chama* – conectada à questão do sentido da existência, é afirmar um ponto de referência. Bohoslavsky (1991) afirma que é importante nos perguntarmos o que é o homem e o que ele pode vir a ser. A sociedade contemporânea tem conceitos e diretrizes tão relativos, que deixam os indivíduos nela inseridos com uma carência de referenciais. Colocar o sujeito da escolha no lugar central do processo é dar-lhe uma orientação e uma base a partir da qual ele pode escolher.

A ausência de referenciais sólidos e de papéis mais definidos enfraquece a noção de identidade dos sujeitos, distancia-os deles próprios, alienando-os da própria realidade, dos próprios sentimentos e da própria condição de ser humano. Estar em contato com a capacidade de se responsabilizar pela própria vida, agindo com autonomia, assumindo valores e atitudes e levando a cabo os próprios interesses, quando integrados ao indivíduo como um todo, incluindo sensações, sentimentos e pensamentos, é indicador de saúde (Brandão, 2001; Lowen & Lowen, 1977; Weigand, 2006). Em uma sociedade que sobrevaloriza o sucesso acadêmico e profissional, o desenvolvimento intelectual e, conseqüentemente, a competição, as emoções por vezes são relegadas a segundo plano, e os processos internos desvalorizados diante da exigência por competência e perfeição. Entretanto, pode-se pensar que é justamente essa ausência de papéis claros que impulsiona os indivíduos a descobrir a própria identidade e a buscar dentro deles próprios os referenciais adequados.

Bohoslavsky (1991), Mahl, Soares e Neto (2005) e Santos (2005) apontam que a adolescência

é um período marcado por crise de identidade. Toda a reestruturação psíquica e orgânica, inerente a essa fase, promove grandes transformações no sujeito que a vive, dando espaço para um intenso processo de ressignificação de valores e atitudes. Se os referenciais de valores e atitudes são importantes para todos os indivíduos, é na adolescência que eles têm papel fundamental. Nessa fase, o adolescente se afasta do contexto e da cultura familiar e busca no mundo – mídia, amigos, ídolos, locais onde frequenta – novas possibilidades de ser, com o intuito de construir os próprios valores e diretrizes. A impossibilidade de encontrar valores saudáveis, seja na realidade externa ou interna, pelos quais possa se guiar, estabelece uma ausência de estrutura na qual se apoiar, dando origem a inseguranças e confusões. É fácil concluir que a adolescência, por se tratar de uma fase de mudanças tão profundas e estruturais, em uma sociedade que não dá o devido suporte aos seus jovens, constitui-se no pior momento para realizar uma escolha tão complexa e profunda como o é a profissão. Portanto, em qualquer processo de orientação profissional e vocacional, é importante saber que uma escolha jamais é para vida toda, que cada sujeito se constrói e se descobre ao longo da vida e que a identidade profissional se transforma com o passar dos anos, à medida em que o sujeito amadurece e se torna mais consciente do próprio projeto e propósito de vida (Andrade, Meira & Vasconcelos, 2002; Brandão, 2001; Miranda, Zanatta, Fernandes, Hiraoka & Urt, 2005).

É importante considerar que a adolescência é um fenômeno plural que difere em cada contexto sócio-cultural em que acontece. Ainda que a puberdade seja um fenômeno comum ao desenvolvimento humano, a forma como ela é percebida e vivenciada coaduna-se com a realidade de cada sujeito. Em um processo de orientação vocacional (OV), é essencial conhecer a experiência de adolescência que os participantes vivem, sabendo

que chegar ao terceiro ano do ensino médio com a perspectiva de realizar um ensino superior é uma realidade de adolescentes urbanos de classe média, que muito difere da realidade em contexto rurais ou onde a escassez de recursos, principalmente financeiros, é presente.

Quando o jovem se vê diante da necessidade de realizar uma escolha profissional há muitas angústias e desafios presentes. Muitas vezes eles procuram auxílio profissional para tomar a decisão já quando esta é iminente, e o grau de angústia é extremo (Mahl e cols., 2005). Alguns precisam de ajuda para se conhecer melhor e descobrir do que gostam, desmistificando informações e crenças acerca das profissões e da realidade profissional (Andrade e cols., 2002; Miranda & cols., 2005), outros precisam de uma confirmação externa para a escolha que já fizeram, mas não têm segurança para efetivar (Carmo & Costa, 2005; Almeida & Melo-Silva, 2006), alguns se encontram enredados em outras questões, ligadas diretamente ou não à questão vocacional, mas que demandam atenção e energia do sujeito e o impedem de focar sobre a decisão profissional (Mahl e cols., 2005). Há ainda aqueles que escolheram, mas se sentem incapazes de alcançar o objetivo almejado (Carmo & Costa, 2005; Almeida & Melo-Silva, 2006) e os que sabem o que querem, mas não sabem como e onde conseguirão o que desejam (Bastos, 2005a). A OV atua justamente lidando com essas barreiras a uma escolha clara e segura, esclarecendo os conflitos e fantasias e fortalecendo o adolescente, dando a ele, também, a compreensão de como se dá um processo de escolha para que, por fim, possa se decidir.

Nos anos recentes, após a década de 1950, mas principalmente a partir de 1990, aumentou consideravelmente o número de pesquisas e publicações na área de orientação profissional e vocacional (OP/OV) no Brasil (Noronha & Ambiel, 2006; Noronha e cols., 2006), de tal forma que existe hoje um periódico nacional inteiramente dedicado a essa questão: a *Revista Brasileira de Orientação Profissional*. Apesar de existir boa base teórica sobre o tema, a OP/OV não deixa de ser um desafio. O estudo e a pes-

quisa continuadas, no sentido de aprimorá-la, são essenciais, tendo em vista o enriquecimento de seu escopo técnico, teórico e metodológico no trabalho dos orientadores. Noronha e cols. (2006) exemplificam vários trabalhos envolvendo diferentes perspectivas teórico-metodológica em relação à orientação profissional e vocacional, citam autores que abordaram a questão à luz da teoria junguiana, da análise do comportamento, da psicanálise e da Gestalt-Terapia. Também encontramos o estudo de diferentes técnicas como o *Sandplay*, a entrevista e técnicas de colagem. Gabel e Soares (2006), por exemplo, adaptaram o trabalho do genograma e outros conceitos da teoria sistêmica ao contexto da OP/OV.

Outro motivo que faz vital a pesquisa e difusão da OP/OV é a questão da evasão que tem ocorrido nos cursos de nível superior. Alguns estudos (Andriola, Andriola & Moura, 2006; Cunha, Tunes & Silva, 2001; Moraes & Theóphilo, 2006; Moura & Menezes, 2004) mostram como é preocupante e freqüente a evasão dos cursos de graduação. Entre as questões apresentadas como motivo para a evasão, é possível perceber que a falta de preparo do jovem para realizar a escolha – falta de autoconhecimento e de informações sobre o mercado de trabalho e sobre os cursos e faculdades – contribui em grande escala para o abandono da graduação.

Este estudo tem como proposta experimentar e descobrir novas técnicas e possibilidades para a OP/OV, que possam incrementar o trabalho dos orientadores e fortalecer a OP e OV como uma área-chave para o desenvolvimento da educação e do ensino no Brasil. Assim, o estudo apoiou-se nos referenciais corporais das teorias neo-reichianas, que vêem o corpo como uma ferramenta extremamente útil para qualquer trabalho do qual participam seres humanos.

A ABORDAGEM CORPORAL NEO-REICHIANA

Wilhelm Reich viveu entre 1897 e 1957. Formou-se em medicina e psicanálise. Coordenou o Seminário sobre a Técnica Psicanalítica da Clínica

de Viena de 1924 a 1930 e foi diretor da Clínica Psicanalítica Pública de Viena de 1928 a 1930. Apesar da formação psicanalítica, Reich, no empenho em compreender a fonte da energia das neuroses e em lidar com as resistências que apareciam no contexto psicoterapêutico, começou a desenvolver a teoria da análise do caráter, que destoava da psicanálise clássica, vindo, por fim, a incluir ativamente o corpo na terapia (Weinmann, 2002).

Muitos dos discípulos de Reich continuaram o trabalho do mestre, desenvolvendo abordagens que hoje são conhecidas como neo-reichianas; entre elas, a *Core Energetics*. O que caracteriza uma abordagem corporal na Psicologia é o fato de incluir o corpo ativamente no processo terapêutico. Compreendendo que psique e corpo trabalham conjuntamente e em um processo de influência mútua, a *Core Energetics* busca entender a personalidade em termos do corpo e de seus processos energéticos. Funcionalmente, mente e corpo são considerado idênticos, influenciando-se mutuamente (Lowen, 1975; Lowen & Lowen, 1977). Portanto, os trabalhos corporais – posturas, exercícios, massagens – são utilizados com o objetivo de promover a transformação da consciência.

Dentre os conceitos da *Core Energetics*, um que se destaca quando se fala de OV é *grounding*. Esse termo muitas vezes é traduzido como “aterrar-se”, “ter os pés no chão”, “ter bases fortes e firmes”, “estar firmemente de pé”. No sentido literal, significa a possibilidade de o sujeito sustentar-se nas próprias pernas. No sentido simbólico e psicológico, trata do nível de autonomia que alguém possui. Ainda, da possibilidade de sustentar opiniões e atitudes, de caminhar adiante na vida, de dar o passo na direção desejada, de ocupar o espaço no mundo, de encarar desafios e elaborá-los (Lowen, 1975; Lowen & Lowen, 1977; Weigand, 2006).

Esmiuçando o conceito de *grounding*, temos nele a idéia de estar consciente e em contato com a realidade e contexto no qual está inserido – família, sociedade e cultura – e de estar consciente da realidade interna – desejos, sensações, sentimentos e crenças. (Lowen, 1975;

Lowen & Lowen, 1977; Weigand, 2006). Um bom *grounding* garante à pessoa a possibilidade de autoconhecimento, de estar em contato com o mundo e com ela mesma e de auto-expressão com segurança e confiança. “Pode-se estender o termo [*grounding*] também para significar que a pessoa sabe onde está e portanto sabe quem é. A pessoa *grounded* ‘tem o seu lugar’... Num sentido mais amplo, o *grounding* representa o contato de um indivíduo com as realidades básicas da sua existência” (Lowen & Lowen, 1977, p. 23).

Alguns conceitos como energia, respiração, auto-expressão, som e movimento estão intimamente ligados à idéia de *grounding*. Existem diferentes pontos de vista sobre a natureza dessa energia. Freud chamou de libido, Reich chamou de Orgone, a medicina tradicional chinesa chama de Qi. Mas todos concordam que é o elemento básico envolvido nos processos dos seres-vivos e que a falta dela está associada à morte (Lowen, 1975). A energia psíquica e a energia física utilizadas no movimento muscular têm origem idêntica e convertem-se uma na outra (Lowen, 1958), assim como energia cinética converte-se em energia elétrica em uma turbina hidrelétrica, e a última pode converter-se em energia cinética na hélice de um liquidificador, por exemplo.

Respirar profundamente é sentir profundamente. Os processos respiratórios estão intimamente ligados à capacidade do sujeito de sentir e à quantidade de energia presente no organismo. Uma respiração superficial e fraca capta pouco oxigênio, que é a base da produção energética do corpo e, portanto, a base da vitalidade (Lowen & Lowen, 1977). Auto-expressão é a possibilidade do sujeito manifestar o próprio impulso interno – sentimentos, ações, pensamento – livremente. Auto-expressão produz prazer e satisfação, que leva a um aumento do metabolismo, que conduz a uma respiração mais profunda (Lowen, 1975). Alguns exercícios potencializam essa possibilidade, trazendo autoconhecimento e espontaneidade (Lowen & Lowen, 1977). Durante os exercícios, os sujeitos sempre são encorajados a emitir um som, seja um suspiro, um grito, uma palavra, ajudando-os a soltar os sons que ficaram presos

e que não puderam ser expressos. Por exemplo, o jovem pode expressar seu desejo quanto à formação acadêmica que o atrai, mesmo se essa não corresponder às expectativas dos pais ou do meio. A expressão da própria verdade ou anseio permite que a pessoa sinta-se integrada com o próprio corpo, e ao sentir-se integrada com o corpo, é capaz de expressar seu anseio. Ora trabalha-se com exercícios suaves, ora com mais intensos, no sentido de aumentar as possibilidades de expressão dos sujeitos e de fazê-lo entrar, mais uma vez, em contato com o corpo. Muitas vezes combinam-se movimento e som, aumentando a capacidade de auto-expressão (Lowen & Lowen, 1977).

Os efeitos e conseqüências do trabalho de *grounding* são bem conhecidos e percebidos no trabalho terapêutico – seja individual ou em grupos – tendo sido descritos na literatura específica a partir da prática empírica (Weigand, 2006). É surpreendente não encontrarmos na literatura, material que relacionasse diretamente o trabalho de OV e abordagens corporais neo-reichianas. Percebe-se uma ligação explícita entre as duas práticas com o conceito de *grounding* que abarca senão toda, pelo menos boa parte da gama de questões relativas à OV. Mesmo a dimensão existencial filosófica é contemplada ao colocar o indivíduo em contato consigo mesmo, com a realidade mais profunda do seu ser, permitindo-lhe que entre em contato com o seu chamado interno e o fortalecendo para que tome a decisão segundo uma orientação espontânea e interna, sustentando a escolha. O *grounding* é tanto um olhar quanto uma técnica. É olhar enquanto atenta-se para a qualidade do contato que o indivíduo faz com a realidade interna e externa e é uma técnica enquanto exercício corporal que aumenta o contato com a realidade interna e, conseqüentemente, externa, ao permitir uma melhor percepção e apreensão desta.

A postura básica de *grounding* consiste em: (1) pés paralelos com abertura aproximada entre 20 e 30 cm; (2) joelhos levemente flexionados, quadril solto (nem muito para trás, nem muito para frente); (3) braços e ombros soltos; deixando a energia dos ombros (às vezes sentida como peso,

tensão) descer para as pernas e os pés, conectando com o chão; e (4) respirar e sentir as sensações nos pés e nas pernas. Cabe salientar que todo exercício bioenergético promove *grounding* e é usado de acordo com a necessidade e o contexto.

Nesse sentido, o estudo mais próximo encontrado foi o da psicodramatista Camargo (2006), que defende o uso do corpo no trabalho de OV como uma forma de proporcionar um espaço mais profundo de reflexão, como ferramenta de autoconhecimento e como instrumento para promover mudanças de consciência. Além disso, a autora relata como a respiração, o trabalho de levar consciência para a base do corpo (pés e pernas) e a autopercepção interna são úteis na OV. A autora não faz qualquer referência às teorias neo-reichianas, mas relata sua experiência positiva com o corpo no seu trabalho. Não encontramos na literatura neo-reichiana a utilização do *grounding* em atividades de OV, mas é recorrente o uso do *grounding* no contexto terapêutico para desenvolver autonomia e capacidade de realização dos próprios interesses, temas intimamente ligados à OV. Portanto, no presente trabalho tem-se por objetivo apresentar os resultados colhidos em um trabalho de OV em grupo em que foi utilizado o exercício corporal neo-reichiano como ferramenta de atuação terapêutica e as possíveis contribuições dessa utilização para a OV.

MÉTODO

No ano de 2006 foi feito o contato com o diretor de uma escola de ensino médio da rede pública de ensino médio do Distrito Federal, com a proposta de realizar um trabalho de OV. A escola onde o trabalho foi realizado é freqüentada, em sua maioria, pela população de classe média e baixa. A idéia foi acolhida e no ano de 2006 foram realizados dois grupos de trabalho. Devido ao sucesso nos grupos anteriores, aos quais o trabalho corporal estava intimamente ligado, surgiu o interesse pela pesquisa, realizada com o terceiro grupo, no ano de 2007.

Para a seleção dos participantes, a orientadora pedagógica da escola fez um levantamento dos

interessados e, desses, foram sorteados dez participantes, sendo aproximadamente dois de cada turma. Havia um acordo com os sorteados que, se faltassem na primeira oficina sem justificativa cabível, teriam sua vaga preenchida por alguém da lista de espera. O grupo foi acompanhado por dois facilitadores do último ano da graduação em Psicologia. As oficinas de OV aconteceram semanalmente, com duas horas de duração, no turno contrário ao das aulas regulares dos adolescentes, totalizando 10 encontros (Tabela 1).

Os adolescentes tinham entre 16 e 17 anos, cursavam a última série do ensino médio, sendo nove do sexo feminino e um do sexo masculino. O grupo era composto por adolescentes de classe média, cujos pais e mães, em sua maioria, possuíam nível médio de escolaridade e metade das mães exercia a função de dona-de-casa. As que trabalhavam fora, eram vendedoras, professoras de nível médio, costureiras e trabalhadoras do mercado informal. Já as profissões dos pais eram: militares, marceneiros, funcionários públicos, dentre outras. Alguns pais e mães também estudavam ou tinham, segundo relato dos participantes, intenção de fazer um curso de nível superior.

Desde o início, os adolescentes e a orientadora pedagógica foram informados e concordaram com a realização da pesquisa, sendo que os primeiros tiveram sua participação autorizada por seus responsáveis, através de um termo de consentimento. As oficinas foram gravadas no sentido de facilitar a obtenção dos dados e tomava-se nota, logo após a oficina, de alguns acontecimentos do dia. Os adolescentes foram consultados sobre a gravação das oficinas e informados sobre a questão do sigilo e responsabilidade ética do pesquisador.

AS OFICINAS

Cada oficina seguia uma estrutura básica, a saber: (1) Conversa inicial sobre os acontecimentos da semana, principalmente ligados ao tema da escolha da profissão; (2) Exercícios corporais bioenergéticos relacionados ao aumento de auto-expressão e fortalecimento da identidade; (3) Atividades previstas para a oficina em questão (Tabela 1); (4) “Compartilhamento” que consistia em conversar um pouco sobre o que cada um havia vivenciado com os exercícios e as atividades. Cabe ressaltar, que na última oficina foi feito um lanche comunitário.

Tabela 1
Temas e atividades centrais de cada oficina

Oficina	Tema	Atividade central
1 ^a	Apresentação	Contrato. Desenho do próprio nome. Técnica de apresentação.
2 ^a	Interiorização	Imaginação ativa – encontrando seu tesouro.
3 ^a	Fortalecer grounding	Trabalho com argila. Jogo de perguntas e respostas, no qual os participantes eram
4 ^a	Coleta de informações	levados a falar sobre si mesmos e sobre a própria vida. Lista de profissões de interesse para pesquisar.
5 ^a	Família	Cada pessoa falava sobre o pai, a mãe e ela própria, analisando essas relações
6 ^a	Questionar valores	Por meio de dramatizações de profissões, questionavam-se indiretamente os valores cristalizados dos adolescentes.
7 ^a	Associar interesse e profissões	Fichas de interesses e profissões possíveis.
8 ^a	Materializar a escolha	Visualização criativa do futuro. Montar o cenário de trabalho com sucatas.
9 ^a	Experimentar a escolha	Encenação da escolha possível. Auto-avaliação oral e escrita do processo individual.
10 ^a	Encerramento	Construção do projeto profissional. Encenação da formatura.

As primeiras cinco oficinas foram voltadas para o auto-conhecimento e o trabalho com elementos da vida subjetiva e íntima dos participantes, portanto tinham caráter mais clínico e terapêutico. Trabalhou-se identidade, auto percepção e relações familiares. A sexta oficina tinha uma característica de transição entre os momentos subjetivo e objetivo do processo de OV. Da sétima à décima oficina, o foco recaiu sobre a realidade profissional e a efetivação da escolha e, portanto, tinha um caráter mais educacional. Na última oficina foi solicitado aos adolescentes que fizessem uma avaliação escrita das oficinas para ser preenchida e entregue em outro momento para a orientadora pedagógica. Dos dez participantes apenas oito entregaram a ficha preenchida.

Em algumas oficinas havia pequenas atividades que complementavam a atividade principal, mas não caberia neste estudo descrever todo o processo no seu detalhe e riqueza, e sim oferecer um panorama do que ocorreu. Os dados foram produzidos no contexto das oficinas e foram coletados por meio da gravação e transcrição das falas, bem como registros de observação dos facilitadores. Essa observação focalizou a dinâmica do processo e a manifestação corporal dos jovens em termos da teoria da *Core Energetics*. Também foram utilizadas as avaliações escritas que os adolescentes fizeram ao final do processo. O método usado para a análise dos dados foi o construtivo-interpretativo proposto por González Rey (2002), a partir do qual foi possível construir três zonas de sentido extraídas dos indicadores produzidos no contexto das oficinas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Primeira zona de sentido: “Sem direção na vida”

Essa zona de sentido reúne aqueles indicadores que denotam a ausência de *grounding* nos participantes, sendo mais comumente produzidos durante as cinco primeiras oficinas. Na primeira oficina, a demanda inicial é de querer escolher e não conseguir. Então, surgem pedidos de ajuda e consciência da ausência de *grounding*, como

expressos nas seguintes falas dos participantes: “Quero me conhecer pra eu poder fazer o que eu gosto” (Participante 1); “Quero ter mais direção na vida” (Participante 2); “Quero me decidir mais” (Participante 3); “Quero ajuda pra me decidir” (Participante 4).

Na maioria das vezes, essas falas estavam acompanhadas de sentimentos de angústia e ansiedade diante da necessidade de escolher, sobretudo porque era próximo o momento de fazer a opção para o Programa de Avaliação Seriada (vestibular em série) da Universidade de Brasília. A angústia e, principalmente, a ansiedade caracterizam-se por respiração alta e freqüentemente acelerada, bloqueio diafragmático e concentração da energia na parte superior do corpo (Lowen, 1970). O deslocamento superior da energia (ausência de *grounding*) leva à perda de contato com o corpo e, finalmente, com as próprias necessidades e desejos, gerando dúvidas e insegurança.

Os participantes apontaram interesses em profissões bem distintas, com muitas fantasias e idealizações sobre a realidade das profissões em geral, dos cursos e do mercado de trabalho. Tais interesses muitas vezes estavam associados à certas habilidades ou pré-disposições do indivíduo que se associavam à estereotipia da atividade profissional, faltando conhecimento sobre as várias ocupações que compõe uma área do conhecimento. A falta de informação sobre o mundo profissional foi considerada uma das principais fragilidades dos grupos, como exemplificam as seguintes falas: “Pensei em fazer letras, psicologia, relações internacionais ou seguir carreira militar” (Participante 1); “Pensei em relações internacionais, psicologia, medicina. Pensei em muita coisa” (Participante 3); “Não tenho noção do que quero fazer. Pensei em fazer biologia, mas não gosto dos bichos melequentos” (Participante 5); “Detesto exatas. Já pensei em psicologia, enfermagem, fisioterapia, serviço social e nutrição” (Participante 4); “Pensei em fazer jornalismo ou comunicação, porque gosto de escrever e argumentar. Mas acabei desistindo porque não gosto muito de ficar antenada no mundo.” (Participante 6).

Segundo Lowen (1967), a desconexão com os sentimentos leva à incapacidade de ação, de modo que pensamentos e fantasias substituem o contato com o mundo real. Em outras palavras, estar desconectado da realidade é estar desconectado das sensações, e para ocupar o espaço da ausência de sentimentos e sensações, o sujeito cria crenças, ideologias e racionalizações. É interessante atentar para o constante uso da palavra “pensei”. O uso repetitivo desse verbo também se torna um indicador de deslocamento superior da energia.

Os jovens apresentaram, na relação com seus familiares, dificuldade em assumir a escolha e estabelecer limites para o desejo dos pais. Esse conflito acentuado entre os próprios interesses e as expectativas parentais, associado à leitura corporal, sugerem a falta de autonomia como a segunda fragilidade do grupo. Tal conflito pode ser percebido nas falas a seguir: “Pensei em fazer veterinária ou educação física, mas desisti. Pensei em fazer turismo, mas não sei. Meu pai não quer que eu faça educação física” (Participante 7); “Meu sonho era fazer medicina, sempre falavam que eu seria a médica da família, mas tem um ano que eu descobri que não quero fazer medicina” (Participante 8); “Eu queria fazer direito, mas o meu pai disse que não era uma boa. Aí eu conversei com um advogado e vi que não era o que eu queria. Recentemente meu pai veio me falar que é legal fazer direito, mas agora sou eu que não quero mais. Primeiro fala que é ruim, depois fala que é bom!” (Participante 3).

A falta de autonomia suficiente para assumir o risco e a responsabilidade pelas próprias escolhas e pelo próprio futuro denotam ausência de *grounding* enquanto base de sustentação. A expectativa de que os orientadores tomassem a decisão ou apontassem a saída para o futuro profissional indica uma atitude imatura e insegura, uma vez que a criança não pode se sustentar e depende do adulto que lhe indique o caminho a seguir. Porém, “Quando adultos, permanecemos sós” (Lowen, 1975, p. 173).

Alguns participantes tinham muita dificuldade com a postura de *grounding*. Sentiam dores

e desconfortos e era perceptível a dificuldade de permanecerem em contato com o próprio corpo. Em vários momentos perdiam a atenção sobre eles próprios, seja conversando ou rindo, seja entrando em um estado de “devaneio”, como quando alguém está imerso em pensamentos e o olhar fica perdido e vazio.

Segunda zona de sentido: “Encarando a realidade”

Essa zona de sentido aglutina os indicadores produzidos principalmente da sexta à nona oficina, em que era perceptível nos participantes um movimento no sentido de estabelecer contato consigo mesmo e com a realidade; fortalecendo o *grounding* e, concomitantemente, a autonomia. Isso foi percebido nos exercícios corporais quando os adolescentes começaram a se expressar mais em relação aos desconfortos gerados pelos exercícios, ao invés de agüentarem calados. Havia também menos momentos de dispersão, perda de contato e devaneio. As falas abaixo são ilustrativas dessa mudança: “Fazer *grounding* dói muito” (Participante 3); “Encarar a realidade, às vezes, é muito chato, mas é necessário” (Participante 4).

Na oitava oficina, o grupo estava um pouco resistente ao trabalho corporal. Surgiu então uma brincadeira que acabou envolvendo o corpo todo. Aproveitou-se a oportunidade para discutir a relação prazer e trabalho, realçando que a ocupação não precisava ser sempre chata e difícil. No trabalho corporal com adolescentes é importante a presença do componente lúdico, contrapondo os desconfortos e desafios inerentes aos exercícios corporais. Valorizou-se o prazer e a diversão, adaptando os exercícios de modo a ficarem mais interessantes.

Na quinta oficina, foi solicitado aos adolescentes que pesquisassem sobre diversas profissões. Essa pesquisa se mostrou muito valiosa, oferecendo informações que trouxeram mais clareza para os participantes. A hipótese é que, uma vez trabalhada a dimensão subjetiva e preparado o terreno de modo a deixá-lo receptivo por meio do trabalho corporal, as informações pesquisadas puderam ser melhor aproveitadas. A presença

de *grounding* interno, contato com a realidade interna, dá mais sentido às informações externas. Saber o que se quer é o primeiro elemento para poder filtrar todas as ofertas do mundo, como pode ser percebido nas falas: “Pesquisei umas que não tinham nada a ver comigo. Pesquisei mais medicina veterinária e ciências biológicas, que eram as que eu tava em dúvida. Pesquisei as matérias que tinha e aí fiquei mais interessada em ciências biológicas” (Participante 5);

“Eu procurei mais engenharia civil, arquitetura e psicologia. Gostei mais da psicologia. Procurei também a área militar. A prova é difícil mas eu posso conseguir” (Participante 1).

A sexta oficina marcou o fim da ênfase no autoconhecimento e o início do contato mais direto com a realidade profissional e o mercado de trabalho. Essa transição foi feita por meio de uma atividade de dramatização na qual os jovens são colocados em situações-problema relacionadas ao desempenho e ao conhecimento da realidade de uma profissão. Tais situações também foram elaboradas de forma a mobilizar pontos da dinâmica psicológica do sujeito que se configuravam como barreiras a uma escolha mais consciente e, portanto, mais aterrada. Por isso, trata-se de uma atividade intensa no sentido de promover *grounding*, abarcando o mundo interno e externo dos participantes.

Na sétima oficina, os participantes começaram a discutir sobre dificuldades presentes na trajetória profissional. Questões relativas aos estudos, faculdades, características das profissões, dados de realidade importantes de serem levados em consideração no momento da escolha. Começaram a diferenciar o que é *hobby* e o que é trabalho, entendendo que ambas exigem posturas diferenciadas. Também foi discutida a questão financeira, por se tratar de uma parcela da população com menos recursos e ser um tema preponderante na escolha do curso e da faculdade. Como se pode apreender nas seguintes falas: “A última oficina me fez pensar em todos os problemas que têm na profissão. E foi bom porque eu pensava que minha profissão seria sempre mil maravilhas” (Participante 8); “Se você fala que

estuda na UnB (federal) já te olham diferente do que se você falar que estuda numa universidade particular” (Participante 2); “Já pensei em fazer concurso pra entrar na faculdade, mas se dividir entre trabalho e estudo é difícil, mas às vezes é necessário” (Participante 4); “Não tem como pensar numa profissão se não pensar em ganhar dinheiro.” (Participante 6); “Tem artes plásticas, cênicas, dança, música, educação física. São todas coisas que eu gosto e faria como *hobby*. Mas não são coisas que eu quero como profissão” (Participante 2).

A força dos fatores externos pode determinar as escolhas. A própria cultura segrega, reparte e classifica os sujeitos de acordo com uma série de atributos externos. Bastos (2005b) faz uma boa explanação da questão e questiona: como fica a escolha quando não há igualdade de oportunidades? Desse modo, não ignorando tais questões, olhamos de uma perspectiva onde ter consciência é o mais importante. Assim, uma escolha madura e ajustada, como propõe Bohoslavsky (1991), uma escolha *grounded*, aterrada, pode ser feita, havendo consonância entre a realidade interna e as possibilidades externas.

Ao longo das oficinas, após a utilização das técnicas corporais, havia um espaço para que os participantes se colocassem a respeito de como haviam se sentido e o que o trabalho havia despertado. Foi possível notar que os adolescentes começaram a fazer mais contato com o corpo e que, portanto, os exercícios estavam atingindo um dos objetivos almejados, como ilustra a fala seguinte: “Senti como se tivesse uma energia. Senti que começava lá no pé e terminava aqui em cima (na cabeça)” (Participante 8).

Terceira zona de sentido: “Eu posso e consigo”

Essa zona de sentido abarca os indicadores coletados das fichas de avaliação e que continham boa parte do que os adolescentes disseram no momento de fechamento da última oficina. Tais indicadores apontam para a conclusão dos jovens a respeito de suas trajetórias dentro do trabalho de OV, trazendo sentimentos e percepções de que estavam mais seguros e confiantes,

sentindo-se empoderados em relação à escolha profissional. Os trechos abaixo são representativos disso: “Eu era muito insegura, e o que eu fui vivendo, principalmente aqui, me deixou mais segura e confiante de que posso e consigo” (Participante 2); “Me ajudou a dizer ‘eu’ e com isso me valorizar mais” (Participante 9); “Me ajudou a ser mais firme com os meus problemas e aprender a enfrentá-los” (Participante 7); “Foi bom poder dizer ‘eu’, aprender a dizer ‘eu’, ‘não’ e saber que eu posso defender o que eu quero pra mim” (Participante 8); “Pude me conhecer melhor, aprender a lidar melhor comigo mesma, respeitar meus sentimentos, não fingir que estou alegre quando estou triste” (Participante 3); “Foi muito interessante dizer ‘não’, porque às vezes eu dizia sim, mas, na verdade, querendo dizer não” (Participante 9).

Os exercícios corporais, enquanto promotores de *grounding*, resgatam a noção de eu e fortalecem a identidade. A possibilidade de auto-expressão do grupo, retomando o contato com as próprias sensações e com a possibilidade de expressá-las com segurança, também estão associadas ao aumento de auto-estima e da sensação de autoconfiança.

Bohoslavsky (1991) faz uma profunda reflexão sobre a estratégia clínica em OV, apontando que essa pode ser aplicada nos mais distintos contextos, inclusive educacional. Embora deixe clara a distinção entre um processo psicoterapêutico e de OV, aponta a qualidade terapêutica (no sentido mais amplo da palavra) no sentido de promover saúde e desenvolvimento e de harmonizar identidade vocacional com a identidade ocupacional. Alguns participantes trouxeram questões que não estavam diretamente ligadas à questão da escolha profissional, mas à sua vida como um todo. Tais questões, de fundo emocional, apareciam como barreiras para pensar no assunto da escolha profissional, tal como observado por Mahl e cols. (2005). Somente depois de expressarem, verbalmente e emocionalmente, o que estavam vivendo é que esses adolescentes puderam se engajar no processo da OV. Algumas frases dos adolescentes explicitam essa questão:

“Chorei no meio de pessoas que eu tinha acabado de conhecer. A orientação vocacional me deixou muito à vontade, as pessoas me permitiram isso” (Participante 3); “Nunca chorei no meio de tantas pessoas desconhecidas, mas (na OV) é diferente, você se sente leve, com o coração aberto a dar e receber carinho dos outros” (Participante 7).

Uma vez que os exercícios corporais se ocupam de refazer o contato da pessoa consigo mesma, aumentando no sujeito a capacidade de tolerar o contato com tais sensações, a auto-expressão e a auto-segurança, é possível ser honesto e fiel aos próprios sentimentos, expressando-os, sem negar a realidade interna (Weigand, 2006). Quanto mais o sujeito se expressa de um lugar verdadeiro, mais ele se aproxima dessa verdade (Pierrakos, 1990).

Uma das possibilidades da perda de contato com os anseios internos que leva à confusão, é o caso de o sujeito querer algo mas não sentir que seu desejo é realizável. Segundo Weigand (2006), quando o indivíduo pode expressar seu anseio, ele fica mais em contato consigo mesmo e sente-se mais seguro para buscar seu objeto de desejo. Algo a ser explorado futuramente é avaliar até que ponto as confusões e fantasias presentes na fala de um orientando se devem ao desconhecimento da realidade, ao medo ou à dificuldade de entrar em contato com os sentimentos e anseios mais profundos.

O aumento do *grounding* também foi observado quando alguns dos jovens que mais tinham dificuldade de sustentar a própria escolha diante da influência familiar expressaram que tinham consciência dessa dificuldade e de como os pais interferiam na escolha. Diante dessa situação podem tomar uma decisão mais consciente, sabendo das questões e dinâmicas familiares envolvidas; como expresso no trecho abaixo: “Com a minha decisão... estarei dizendo não ao meu pai e sim para mim” (Participante 3).

Muitos jovens responsabilizaram-se profundamente pelo próprio processo escolha, indicando um aumento da qualidade do *grounding* dos participantes e, conseqüentemente, um aumento da autonomia. Acredita-se que essa escolha pode

ser realizada de forma integrada, uma vez que não só partia de elaborações cognitivas, mas estava conectada a experiências corporais e, portanto, com sensações e sentimentos. Uma escolha feita com o corpo como coadjuvante na qual se espera que, de acordo com a base teórica da *Core Energetics*, seja não só uma escolha mais consciente como mais carregada energeticamente e, assim, mais possível de ser realizada por estar, de alguma forma, mais concretizada. Esse crescimento pode ser percebido nos seguintes trechos: “Pude aprender mais... sobre as profissões que eu pretendia cursar e principalmente a ser sincera comigo mesma” (Participante 3); “Me ajudou a ter uma visão mais clara e mais ampla das opções que eu tenho no campo profissional” (Participante 2); “Me ajudou a ter uma decisão mais concreta da profissão que eu desejo” (Participante 5).

CONCLUSÃO

Considerando que o corpo é de grande importância para todas as pessoas e que na adolescência ele ganha um destaque pelos intensos processos de transformação que ocorrem, é de se esperar que um trabalho que envolva o corpo tenha bons efeitos com os jovens. Mahl e cols. (2005) afirmam que, na adolescência, o corpo é vital na identidade do sujeito. Trabalhá-lo assume uma dimensão poderosa ao ajudar o jovem a fazer mais contato e estar mais consciente de algo que é tão importante no seu desenvolvimento. Lowen (1967) também afirma que a ausência de contato com a realidade dos sentimentos e do corpo faz com que a noção de identidade se enfraqueça.

É característico da adolescência a presença intensa de fantasias e devaneios. Mahl e cols. (2005) nos falam da “masturbação mental” como essa permanente atividade que ocorre na cabeça, quando muitas vezes dizemos que adolescente “vive no mundo da lua”. Em parte essa atividade é necessária para o desenvolvimento adequado do pensamento abstrato, mas em parte é prejudicial ao distanciar o indivíduo do próprio corpo. Assim, parece que levar a energia para os pés e, conseqüentemente, para o corpo todo, pelos

exercícios corporais energéticos, é uma direção produtiva de trabalho; já que alivia o intenso processo mental e ajuda o sujeito a se apropriar das próprias sensações, e, portanto, da realidade mais básica de si mesmo. Uma atividade mental mais equilibrada parece permitir que o sujeito tenha mais energia disponível para focar no seu processo de escolha.

Compreende-se que a família deve se esforçar em estar presente em todos os momentos da vida de seus filhos, sendo imprescindível o seu envolvimento, comprometimento e colaboração. Entende-se que a família é o espaço indispensável para garantir a sobrevivência e a proteção integral dos filhos e demais membros, independentemente do arranjo familiar ou da forma como estão estruturadas (Kaloustian, 1988). Incluir a família presencialmente no trabalho de OV enriqueceria muito o processo, principalmente porque ela se apresenta em diversas falas dos adolescentes, muitas vezes refletindo relações conflitivas. Em futuros grupos de OV tal questão deverá ser abordada de forma diferente, no sentido de fazer da família uma parceira no processo de escolha profissional.

Alguns dos adolescentes chegaram ao final das oficinas sem uma decisão tomada. Em parte, porque novas possibilidades profissionais haviam surgido após o trabalho de OV. Em outros casos, acontecimentos recentes da vida do adolescente o estavam mobilizando e tirando o foco da escolha profissional. Houve ainda quem, por questões bastante pessoais, demandavam um processo psicoterapêutico individual mais aprofundado, e apresentaram dificuldade de realizar a escolha. Para esses, nos colocamos à disposição para atendimentos individuais ou encaminhamentos, mas nenhum entrou em contato. Vale ressaltar que, ao final, nenhum dos adolescentes apresentava qualquer desequilíbrio grave provocado pelo processo de OV.

O trabalho corporal energético é uma ferramenta poderosa, que pode atingir níveis profundos da personalidade, por vezes tocando em pontos sensíveis da história de vida dos indivíduos e por isso deve ser usado com cautela e responsabilidade.

de. O terapeuta deve estar familiarizado com as técnicas e seus efeitos, principalmente por meio da experiência pessoal com seu próprio corpo. É obrigação ética do terapeuta oferecer suporte para todo conteúdo que possa eclodir a partir de trabalhos dessa natureza, restaurando o equilíbrio psíquico dos sujeitos envolvidos.

O *grounding* apóia-se na teoria bioenergética e da *Core Energetics*, que possuem em suas bases teóricas, um profundo conhecimento sobre a dinâmica energética e muscular associada ao trabalho terapêutico com o corpo, impossível de se abordar em tão poucas páginas. Sabemos que a ausência da base teórica mais consistente muitas vezes dificulta o entendimento do fenômeno. Esperamos que isso não tenha prejudicado muito a despeito dos nossos esforços para transmitir a informação em uma linguagem clara e objetiva. Também sabemos que compreender o trabalho corporal sem experimentá-lo no próprio corpo é muito difícil, senão impossível. Existe uma dimensão que a mente entende, mas falta algo que só é perceptível pela experiência com o corpo, e por que não, com o coração.

Neste estudo, boa parte da responsabilidade de pesquisa por informações mais aprofundadas acerca de profissões, cursos e faculdades foi entregue aos adolescentes, no sentido de responsabilizá-los mais pelo próprio processo, e, portanto, promover maturidade, saindo do padrão em que alguém traz tudo “mastigado”. Com isso, visou-se a estimular a atitude pró-ativa, no sentido de “ir em direção a”, de buscar o que é desejado, seguindo a metáfora, “ir atrás do próprio alimento”. Entretanto, na avaliação final, refletiu-se até que ponto ainda há demasiada ênfase no aspecto

subjetivo do processo, considerando que a *Core Energetics* possui um viés essencialmente clínico e devotado a um mergulho profundo na alma do ser. Nesse sentido, Bohoslavsky (1991) faz uma distinção entre a ação terapêutica dentro da OV e dentro da psicoterapia. Esse ponto mereceria mais atenção em estudos futuros principalmente em se tratando da articulação entre a OV e a *Core Energetics*, enquanto teoria neo-reichiana.

Acreditamos que a maior contribuição desse artigo é apresentar as possíveis contribuições do trabalho com o corpo e das teorias neo-reichianas para a OV. Todo trabalho de OV, sob o olhar da *Core Energetics*, é um trabalho de promoção de *grounding*. Pensa-se então que, por meio da estimulação do *grounding* físico – os exercícios corporais – seria possível dinamizar e fortalecer o processo de OV. Teoricamente, o conceito de *grounding* encaixa-se perfeitamente ao trabalho, empiricamente é importante realizar mais observações e pesquisas. Em trabalhos futuros pode-se explorar quais mudanças ocorrem em relação à qualidade do *grounding* físico dos participantes ao longo de oficinas de OV com abordagem corporal. Seria interessante observar sistematicamente a mudança da postura corporal em termos do *grounding*. Nesse trabalho não foram abordadas a questão das estruturas de caráter e a leitura corporal, elementos igualmente ricos da base teórica da *Core Energetics*. Mesmo tendo utilizado a leitura corporal como base para algumas avaliações, essa prática não foi sistematicamente avaliada. Porém, futuros estudos poderiam averiguar como esses conhecimentos podem ser utilizados de forma útil em procedimentos de intervenção em OV.

REFERÊNCIAS

- Almeida, F. H., & Melo-Silva, L. L. (2006). Avaliação de um serviço de orientação profissional: A perspectiva de ex-usuários. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 7(2), 81-102.
- Andrade, J. M., Meira, G. R. J. M., & Vasconcelos, Z. B. (2002). O processo de orientação vocacional frente ao século XXI: Perspectivas e desafios. *Psicologia Ciência e Profissão*, 22(3), 46-53.
- Andriola, W. B., Andriola, C. G., & Moura, C. P. (2006). Opiniões de docentes e de coordenadores acerca do fenômeno da evasão discente dos cursos de graduação da Universidade Federal do Ceará (UFC). *Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação*, 14(52), 365-382.

- Bastos, J. C. (2005a). Orientação vocacional/profissional de abordagem sócio-histórica: Uma proposta de concretização da orientação para o trabalho sugerida pelos parâmetros curriculares nacionais. *Virtu*, 2. Retirado em 03 julho 2007, de http://www.virtu.uff.br/artigo_02.doc.
- Bastos, J. C. (2005b). Efetivação de escolhas profissionais de jovens oriundos do ensino público: Um olhar sobre suas trajetórias. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 6(2), 31-43.
- Bohoslavsky, R. (1991). *Orientação vocacional: A estratégia clínica* (8a ed.). São Paulo: Martins Fontes.
- Brandão, S. R. R. (2001). A vocação humana: Uma abordagem antropológica e filosófica. *Videtur*, 7. Retirado em 05 março 2007, de <http://www.hottopos.com/vidlib7/index.htm>.
- Camargo, L. (2006). *Orientação profissional: Uma experiência psicodramática*. São Paulo: Ágora.
- Carmo, M., & Costa, E. S. (2005). *Rumo ao futuro: A influência de um programa de orientação vocacional nas competências de tomada de decisão vocacional de alunos do 9º ano de escolaridade*. Retirado em 15 fevereiro 2007, de <http://www.psicologia.com.pt/artigos/textos/A0239.pdf>.
- Cunha, A. M., Tunes, E., & Silva, R. R. (2001). Evasão do curso de química da Universidade de Brasília: A interpretação do aluno evadido. *Química Nova*, 24(2), 262-280.
- Gabel, C. L. M., & Soraes, D. H. P. (2006). Contribuições da terapia familiar sistêmica para a escolha profissional. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 7(1), 57-64.
- González Rey, L. F. (2002). *Pesquisa qualitativa em psicologia: Caminhos e desafios*. São Paulo: Pioneira Thompson Learning.
- Kaloustian, S. M. (Org.). (1988). *Família brasileira, a base de tudo*. São Paulo: Cortez.
- Lowen, A. (1958). *O corpo em terapia: A abordagem bioenergética*. São Paulo: Summus editorial.
- Lowen, A. (1967). *O corpo traído*. São Paulo: Summus editorial.
- Lowen, A. (1970). *Prazer: Uma abordagem criativa da vida*. São Paulo: Summus editorial.
- Lowen, A. (1975). *Bioenergética*. São Paulo: Summus editorial.
- Lowen, A., & Lowen, L. (1977). *Exercícios de bioenergética: O caminho para uma saúde vibrante*. São Paulo: Ágora.
- Mahl, A. C., Soares, D. H. P., & Neto, E. O. (2005). *POPI: Programa de Orientação Profissional Intensivo*. São Paulo: Vetor.
- Miranda, F. P. F., Zanatta, L. M. G., Fernandes S, M. A. M., Hiraoka, V., & Urt, S. C. (2005). *A orientação profissional e educacional como parte do processo de escolarização: Relato de uma experiência*. Trabalho de alunos do Curso de Psicologia, não-publicado, Universidade Federal do Mato Grosso. Retirado em 15 fevereiro 2007, de <http://www.propp.ufms.br/ppgedu/geppe/projetooepe.doc>.
- Moraes, J. O., & Theóphilo, C. R. (2006). Evasão no ensino superior: Estudo dos fatores causadores da evasão no curso de Ciências Contábeis da Universidade Estadual de Montes Claros – UNIMONTES. Em Universidade de São Paulo (Org.), *Anais do Congresso USP de Iniciação Científica em Contabilidade*, 2. Retirado em 13 junho 2007, de <http://www.congressoeac.locaweb.com.br/artigos32006/370.pdf>.
- Moura, C. B., & Menezes, M. V. (2004). Mudando de opinião: Análise de um grupo de pessoas em condição de re-escolha profissional. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 5(1), 29-45.
- Noronha, A. P. P., & Ambiel, R. A. M. (2006). Orientação profissional e vocacional: Análise da produção científica. *Psico-USF*, 11(1), 75-84.
- Noronha, A. P. P., Andrade, R. G., Miguel, F. K., Nascimento, M. M., Nunes, N. F. O., Pacanaro, S. V., Ferruzzi, A. H., Sartori, F. A., Takahashi, L. T., & Cozza, H. F. P. (2006). Análise de teses e dissertações em orientação profissional. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 7(2), 1-10.
- Pierrakos, J. C. (1990). *Energética da essência (core energetics): Desenvolvendo a capacidade de amar e de curar*. São Paulo: Pensamento.
- Santos, L. M. M. (2005). O papel da família e dos pares na escolha profissional. *Psicologia em Estudo*, 10(1), 57-66.
- Weigand, O. (2006). *Grounding e autonomia: A terapia corporal bioenergética revisitada*. São Paulo: Person.
- Weinmann, A. O. (2002). Uma contribuição à história do movimento psicanalítico: A trajetória de Wilhelm Reich. *Psicologia Ciência e Profissão*, 22(3), 14-19.

Recebido: 22/11/2007

1ª Revisão: 03/03/2008

Aceite final: 17/03/2008

Sobre os autores

Fernando Henrique Rezende Aguiar é graduado em Psicologia pela Universidade de Brasília, graduando em *Core Energetics* pelo Institute of *Core Energetics*/Nova York, psicoterapeuta, orientador vocacional.

Maria Inês Gandolfo Conceição é Doutora em Psicologia, professora adjunta do Departamento de Psicologia Clínica da Universidade de Brasília-UnB, psicodramatista, editora da revista “Psicologia: Teoria e Pesquisa”, coordenadora do Laboratório de Família, Grupos e Comunidades do Instituto de Psicologia da UnB.